

interessante adotada por nós, pois, a cada sessão realizada, elas se sentiam mais próximas e também mais dispostas a conversar e expor suas emoções.

Os filmes apresentados às apenadas foram selecionados pela coordenadora do projeto de extensão, que assistiu a todos eles, certificando-se de que seriam apropriados ao público-alvo.

Com o passar do tempo, entre o primeiro e o último filmes apresentados às apenadas, fomos adquirindo sua confiança e também sentimo-nos mais seguras para começar a realizar as entrevistas individuais com elas, através do método de abordagem “histórias de vida”.

A história de vida é, por excelência, um tipo de pesquisa qualitativa que não tem a pretensão de ser representativa no que diz respeito à amostragem e também não possui o compromisso de atingir a generalização estatística, mas só pode ser entendida dentro das linhas de demarcação das possibilidades.

São muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Assim, a vida olhada de forma retrospectiva possibilita uma visão total de seu conjunto e o presente torna possível uma compreensão mais aprofundada do passado.

A história de vida permite uma aproximação dos sujeitos de pesquisa e um melhor entendimento da realidade estudada (CHARTIER, 1996). Para Camargo (1984), a história de vida possibilita apreender o lado interno de cada sujeito de pesquisa.

Realizamos de duas a três entrevistas nos turnos em que trabalhávamos no presídio regional, devido à dificuldade de locomoção das apenadas, pois se dependia dos horários de pátio, de almoço e das demais atividades que elas tinham na casa prisional e, outras vezes, da boa vontade da guarda penitenciária, que nem sempre trazia as apenadas solicitadas para o encontro. As entrevistas foram realizadas na sala dos técnicos da SUSEPE, onde nós e a apenada solicitada para a atividade permanecíamos. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, para que não se perdesse a riqueza dos dados.

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constavam todas as informações necessárias para as apenadas, para que se garantisse, assim, a confidencialidade dos dados e o sigilo de sua identidade. Elas assinaram, na época, as duas vias do termo: uma ficava conosco; a outra via com cada uma delas.

Resultados e Discussão

A cada entrevista era uma surpresa: algumas das apenadas contavam detalhes de sua

história, desde a infância até o seu momento atual; outras eram mais sucintas. Todas as apenadas que foram convidadas a participar da entrevista a aceitaram e a maioria gostou de participar. Algumas mostraram-se mais defensivas, mas, após a explicação metodológica da atividade e o fato de que os dados seriam destinados apenas a trabalhos científicos, elas participaram e responderam à íntegra das questões.

Através do contato com as apenadas, pudemos perceber que a privação de liberdade muitas vezes contribuiu para que elas ficassem depressivas, abaladas emocionalmente e, às vezes, com vontade de tirar a sua própria vida. Em alguns dos relatos obtidos nas entrevistas, a maioria delas chorou muito, falando sempre da dor causada pelo distanciamento da família e dos filhos, de como é complicado e sofrido saber que seus filhos estão sob o cuidado de outras pessoas da família e até, em alguns casos, que acabaram indo para alguma instituição ou abrigo. Uma das entrevistadas relatou: *“Minha filha me abandonou, nem quer saber de mim...”*, comentando também o preconceito da sociedade e da família por estarem presas. São mulheres que, além de perder a sua liberdade, estão privadas do acompanhamento e desenvolvimento dos filhos.

Todas as entrevistadas preocupavam-se muito com o seu futuro, em como seria sua vida após o cumprimento da pena. Queriam retomar suas vidas, arrumar um emprego, ser felizes. Sabemos que o mercado de trabalho ainda não tem demanda a um ex-presidiário para que ele refaça sua vida de forma digna e honesta, sem reincidir no crime. Ao sair após o cumprimento de sua pena, o ex-presidiário sente na pele a exclusão, que se inicia a partir do momento em que o mesmo é recolhido ao presídio. Ao retornar à sociedade, acaba reincidindo, pois se transforma em “clientela” crônica da instituição fechada (THOMPSON, 1983).

Dejours (1994) aponta que o trabalho é um espaço de construção do sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e da historicidade do sujeito. Assim, ao se preocuparem com seu futuro, as apenadas relataram uma preocupação muito grande com a sustentabilidade de suas famílias, sinalizando a importância que o mercado de trabalho tem na vida de todos, principalmente na vida de pessoas como essas mulheres, que precisam recomeçar ou ao menos retornar à vida em sociedade.

Um dos maiores problemas encontrados no presídio, a partir das histórias de vida, foi o uso de drogas. A maioria das mulheres era usuária antes de presas; muitas delas também traficavam. As drogas que mais utilizavam eram a cocaína e a maconha, mas algumas também utilizavam o *crack*. Ao entrarem no presídio, algumas continuaram as utilizando e, às vezes, até mais do que quando estavam soltas, já que possuíam a seu dispor muito tempo ocioso lá dentro. *“Eu passei muito tempo sem entender, me destruindo a mim mesma, sem entender, sem saber por*

quê. .Aí, tive que apanhar da vida pra poder enxergar as coisa” (chorando muito). Esse depoimento foi de uma apenada usuária de drogas. Bucher (1992) afirma que o dependente químico tem transitado entre o manicômio e o presídio, ocupando o lugar do louco e do transgressor da lei, ambos excluídos pela sociedade e rotulados ora como doentes e ora como delinquentes, pois a maioria das propostas de tratamento da drogadição propõe a institucionalização do sujeito.

Sabemos que no presídio são proibidos celulares e drogas, mas nem sempre é possível controlar o que entra na instituição, já que, inclusive através do telhado, pequenos objetos são jogados para dentro do pátio. Quando encontram droga ou celular com uma apenada, essa recebe um ‘castigo’ e, muitas vezes, sua pena aumenta.

Enquanto estivemos trabalhando no presídio, em uma das celas das mulheres foi encontrado um celular em meio aos pertences de uma apenada e drogas com outra; as duas foram retiradas da cela e levadas para uma outra, onde ficaram isoladas sem fogão, televisão e sem acesso à cantina. Esses castigos são muito criticados pelas apenadas, pois dizem ser uma situação desumana, o que se depreende claramente neste relato de uma apenada: *“...a gente tava passando fome! De verdade...bah...eu emagreci eu acho que uns 5kg. A comida que eles mandam a gente não consegue comer. Tem cabelo, a salada vem azeda, sabe, a comida da geral, a gente não come. O que a gente come quando vai é alface, daí a gente lava e tempera de novo, sabe...”*.

Além do trabalho realizado dentro do presídio, participamos, mensalmente, das reuniões do Conselho da Comunidade do presídio regional, que ocorriam em uma sala do Foro de Santa Cruz do Sul. Nessas reuniões participavam os membros do conselho, a equipe técnica do presídio, as estagiárias do curso de Psicologia da UNISC, o Juiz da Vara de Execuções Criminais e o Promotor de Justiça.

Através das histórias de vida que obtivemos, percebeu-se que as apenadas são em sua maioria de classe social baixa, tendo passado por muitas dificuldades durante a sua infância e vida adulta. Algumas sofreram violência intrafamiliar, mas a maioria não quis falar sobre isso. Algumas delas optaram pelo crime como sinônimo de “dinheiro fácil”, para alcançarem uma vida melhor e mais digna.

Dentre as 18 entrevistadas, apenas três possuíam o Ensino Médio completo e uma já havia feito um curso técnico. Muitas pretendiam voltar a estudar e algumas pensavam em fazer o vestibular. Constatou-se que as apenadas possuem um nível de escolaridade formal mais alto que os apenados.

O delito mais comum entre as apenadas foi o tráfico. Algumas traficavam juntamente com seus companheiros; outras, por iniciativa própria. Havia alguns delitos diferentes como

envolvimento em assalto; presas em flagrante por causa do companheiro; e apenas uma por homicídio.

Conclusão

Observou-se, ao final do trabalho com as apenadas, que o Presídio Regional de Santa Cruz do Sul teve de se adaptar, estruturalmente, para o acolhimento de mulheres, considerando o fato de que, há sete anos atrás, não havia população feminina nessa casa prisional.

Paralelamente às reformas físicas no prédio, um contingente maior de agentes penitenciárias foi deslocada para o trabalho quinzenal na segurança do presídio, em virtude da população feminina ter oscilado entre 37 e 20 nesses dois últimos anos.

Coletar as histórias de vida das apenadas permitiu-nos ter um contato direto com o mundo da criminalidade e da violência, no qual, não se pode esquecer, existem mães, mulheres, seres humanos, que, um dia, não estavam inseridas nesse universo - e do qual muitas anseiam sair.

As experiências vividas durante a realização dessas entrevistas no presídio foram desafiadoras e proporcionaram um incomensurável crescimento pessoal e profissional.

Através desse estudo, constatou-se que há um anel recursivo que envolve a vida dessas mulheres, uma vez que elas reproduzem a violência intrafamiliar sofrida e submetem-se aos riscos provenientes dos delitos cometidos por seus maridos, vivendo sob um constante medo da privação de liberdade e do convívio com os filhos.

Referências

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

CHARTIER, R. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M.; AMADO, J (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 46-61.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, n. 54, v. 14, 1994.

THOMPSON, Augusto. **Quem são os criminosos?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.



